

10

O gênero digital *stop motion* sob as lentes da poética sociológica

Luciana Taraborelli & Viviane Mendes Leite

Universidade de São Paulo

Introdução

As novas tecnologias no ensino são alvo de discussões que, invariavelmente, recaem sobre o texto impresso, visto que impresso e digital são considerados excludentes. Apresentamos uma possibilidade de conciliar recursos tecnológicos e os gêneros digitais à prática docente no ensino de leitura. Entendemos que as leituras digital e impressa devem coexistir em prol da formação crítica e reflexiva dos estudantes, sem perder de vista a dimensão social. Nossa perspectiva teórico-metodológica está embasada no conceito de multiletramentos, postulado por Rojo (2012), no conceito de gênero proposto por Bakhtin (2016) e Medviédev ([1928] 2012) e na poética sociológica postulada por Medviédev ([1928] 2012) e Volóchinov ([1929] 2017, [1926] 2019).

Com base nesses pressupostos teórico-metodológicos, propusemos a alunos do sexto ano do Ensino Fundamental - Anos Finais o desafio de recontar em *stop motion*, sob seu ponto de vista, uma história lida. A Escola “Professor Cid Chiarelli”, da Fundação Educacional Guaçuana⁴⁴ (FEG), a qual os alunos pertencem, é uma autarquia municipal, portanto, possui regimento próprio e está localizada no centro de Mogi Guaçu, interior de São Paulo, região conhecida por suas indústrias, especialmente, de cerâmica. A escola atende alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio.

⁴⁴ Criada em 1967, pela Lei Municipal nº503. Disponível em: <https://www.mogiguacu.sp.gov.br/secretaria/23/fundacao-educacional-guacuana-feg.html>. Acesso em 11 jan. 2022.

O trabalho desenvolvido recupera a leitura do texto impresso *Malala, a menina que queria ir para escola* (CARRANCA, 2010), que foi potencializada por meio dos recursos digitais. A narrativa retoma o atentado que a garota Malala sofreu por se manifestar contra o autoritarismo do grupo extremista Talibã, em especial, pelo direito das meninas do Vale do Swat irem à escola. Nesse sentido, o percurso didático adotado permitiu conciliar o texto impresso ao digital, motivando os estudantes a refletir sobre a leitura.

Este artigo está organizado em três seções: na primeira, apresentamos o gênero digital *stop motion* na perspectiva dialógico-discursiva; na segunda, os aspectos teórico-metodológicos do método sociológico, postulado por Medviédév ([1928] 2012) e Volóchinov ([1929] 2017, [1926] 2019); e na terceira seção, a análise de dois *stop motions* produzidos pelos alunos do sexto ano, cuja escolha orientou-se para as produções que apresentam a adequação ao gênero e apontam para sua dupla orientação. As considerações finais arrematam o texto.

1 O gênero digital *stop motion* na perspectiva sociológica

O *stop motion* (movimento parado) consiste na animação a partir de fotografias com a movimentação de cenas e personagens. Quadro a quadro, a sucessão de fotos cria o efeito de movimento. Nessa direção, a proposta com gênero digital alinha-se à perspectiva do letramento digital e dos multiletramentos. O espaço da tela traz uma diferente relação entre leitor e autor, levantando a hipótese de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, daí o letramento digital. O primeiro desenho em papel com características de animação foi criado por Émile Cohl (1857-1938), conforme Oliveira (2010). O pequeno vídeo ampliou as possibilidades de animação e, de acordo com Oliveira (2010), o primeiro filme com bonecos foi produzido pelo cineasta russo, Ladslas Starewicz (1912).

Segundo o professor e pesquisador Edgar Roberto Kirchof (2016), a crescente inserção dos aparelhos tecnológicos na sociedade, do computador aos *smatrphones*, e o crescente consumo dessas tecnologias trouxeram à tona o termo “cultura digital”, utilizado por alguns pesquisadores, como Hoffman e Fagundes:

Cultura é a representação das manifestações humanas; aquilo que é aprendido e compartilhado pelos indivíduos de um determinado grupo. A Cultura Digital é a cultura de rede, a cibercultura que sintetiza a relação entre sociedade contemporânea e Tecnologias da Informação (TIs). Ao mesmo tempo que a Cultura Digital abriga pequenas totalidades e seus significados, mantém-se desprovida de um sentido global e único (HOFFMAN; FAGUNDES, 2008, p. 1).

Cada vez mais, essa inserção da tecnologia ganha espaço na contemporaneidade, alterando algumas práticas, conforme aponta Kirchof (2016):

[...] o modo como nos relacionamos com as informações que consumimos hoje está marcado pelo modo como funcionam as tecnologias e as mídias digitais, o que modifica várias de nossas práticas anteriormente vinculadas às mídias analógicas, inclusive a prática de escrever e ler obras literárias (KIRCHOF, 2016, p. 203).

A evolução tecnológica acontece pela fusão das tecnologias de mídia e do cálculo. Kirchof (2016) exemplifica essa fusão com o *daguerrótipo* (mídia que fixa e reproduz imagens), desenvolvido no século XIX, na França, por Louis Daguerre, e com o *Analytical Engine* (mídia que processa e armazena dados), criado por Charles Babbage, na Inglaterra. Essas mídias digitais impactam diretamente a sociedade contemporânea e todo e qualquer texto.

Tendo em vista esse contexto histórico da cultura digital, em que a expansão da tecnologia e seu acesso atinge grande parte da população, é necessário repensar e reavaliar as práticas pedagógicas. Nossa proposta não é sugerir que o professor mude sua prática paralelamente às mudanças tecnológicas, mesmo porque seria impossível, mas pensar em possibilidades de alinhar suas práticas à perspectiva dos multiletramentos, considerando a cultura do aluno (sua vivência) articulada às tecnologias.

O conceito de multiletramentos foi explorado pelo Grupo de Nova Londres, em 1996, por meio de um manifesto em que se colocava a necessidade de uma “pedagogia dos multiletramentos” (ROJO, 2012, p. 11). No Brasil, essa concepção foi recepcionada por vários pesquisadores. Rojo (2012) destaca a importância de se considerar a cultura do aluno na perspectiva dos multiletramentos, ou seja, de se considerar a vivência, os letramentos e a condição sócio-histórica dos estudantes na inserção das tecnologias e dos gêneros digitais.

[...] o conceito de **multiletramentos** - é bom enfatizar - aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em

nossa sociedade, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13, grifo da autora).

A multiplicidade cultural dos alunos da FEG, assim como dos estudantes, em geral, é formada também pela cultura digital, portanto, a intenção do trabalho é considerar o multiletramento conforme propõe Rojo (2012), no processo de formação desses jovens. Dessa forma, elegemos a plataforma de vídeo (*YouTube*), um dos recursos mais acessados pelos alunos, para que a produção do *stop motion* entrasse em circulação.

Atrelado à perspectiva dos multiletramentos, consideramos o gênero digital *stop motion* como enunciado concreto que, no horizonte da Análise Dialógica do Discurso do Círculo de Bakhtin, configura-se como historicamente situado, carregado de outros enunciados dentro de um campo da atividade humana. Nessa relação - texto e vida -, a cultura e a voz do aluno são materializadas no gênero.

Para Medviédev ([1928] 2012, p. 193), "gênero é uma forma típica do todo da obra, do todo do enunciado". Uma obra só se torna real quando toma a forma de determinado gênero. " Sendo assim, a narrativa constituída não mais na forma de texto escrito, mas de animações a partir de fotografias que são postas em movimentos, acrescidas ou não do texto verbal - escrito ou oral, toma a forma de um determinado gênero do discurso: o *stop motion*. Para o autor, o gênero apresenta uma dupla orientação na realidade:

Em primeiro lugar, a obra se orienta para ouvintes e receptores, e para determinadas condições de realização e de recepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático" (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 195).

Esse conceito foi trabalhado no âmbito do Círculo de Bakhtin, e também aparece no manuscrito "Os gêneros do discurso". Trata-se de um texto inacabado, produzido por Mikhail Bakhtin, entre 1952 e 1953. Nele, o filósofo russo destaca a linguagem como constitutiva dos campos da atividade humana. Assim, o ato de enunciar algo é materializado em forma de enunciados concretos, orais ou escritos. Esses enunciados são produzidos levando em conta um conjunto constituído por:

- a) Conteúdo temático - sobre o que se fala/escreve, considerando o verbal e o extraverbal;

- b) Estilo - seleção de recursos linguísticos;
- c) Construção composicional - configuração geral do enunciado.

Para Bakhtin, “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominados *gêneros do discurso*” (2016, p. 12, grifos do autor). Relativo, pois pode haver características de um gênero em outro, dada a variedade dos campos de atividade humana, pois há diversas situações que podem modificá-los. A proposta de Bakhtin é o estudo da linguagem como socio interacional.

Deve-se levar em consideração uma diferença essencial entre gêneros do discurso da esfera cotidiana - comunicação verbal espontânea, discursos do cotidiano, e os da esfera da vida pública, que surgem de uma convivência cultural mais complexa. A partir da inter-relação dos gêneros que podem ser incorporados e reelaborados é que ocorre a heterogeneidade de formas e vozes, ou seja, a manifestação de diversas vozes sociais, mostrando os diferentes posicionamentos que se materializam em gêneros. No caso da obra escolhida, há, no mínimo, duas vozes em embate: a voz das meninas do Vale do Swat, que é tomada como luta pelo direito à escola e tem como representante Malala, e a voz do Talibã, que governa o país e quer calar todas as outras vozes, em nome de uma voz superior divina que se materializa por meio do Alcorão e é diametralmente oposta às vozes das garotas. Esse embate se faz presente no *stop motion*, nas cenas que representam o atentado à Malala.

2 Texto em vida: o método sociológico e o extraverbal

O gênero *stop motion* é considerado, neste artigo, à luz da poética sociológica, conforme Medviédev ([1928] 2012) e Volóchinov ([1929] 2017). Para Medviédev ([1928] 2012), o objeto da poética sociológica é definir o que é gênero, estilo, enredo, tema, motivo, protagonista entre outras questões, como o metro, o ritmo e a melodia. Além dessas questões, trata “[...] em particular da questão sobre o reflexo do horizonte ideológico no conteúdo da obra e sobre as funções desse reflexo no conjunto de sua estrutura artística [...]”. (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 75).

As tarefas da poética sociológica são de natureza especificadora, descritiva e analítica e colocam como fundamentais três ações: “delimitar a obra literária como tal, expor sua estrutura, determinar suas possíveis formas e

espécies e determinar seus elementos e suas funções". (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 79).

Essas tarefas concretizam-se no material da literatura e devem, segundo o autor, orientar-se pela história da literatura, pois é ao longo da história que podemos observar as mudanças, uma vez que, pelo curso da história, nada é estático e petrificado; dessa forma, a poética sociológica evita cair no dogmatismo. Outras orientações, quanto à poética sociológica, referem-se à forma, uma vez que ela vai evoluindo, e ao método dialético, que proporciona dinamicidade. A noção aqui é a de não estaticidade devido à dinamicidade do método dialético. Para exemplificar essa evolução da forma, o autor traz como exemplo o romance e suas mudanças:

Cada definição da poética sociológica deve ser adequada a toda evolução da forma a ser definida. Assim, por exemplo, a definição de um romance oferecido pela poética sociológica deve possuir caráter dinâmico e dialético. [...] A definição de um romance, que é incapaz de abranger todas as formas anteriores da sua definição histórica, está longe de ser científica, é uma declaração artística de uma tendência literária, ou seja, ela expressa as avaliações e as opiniões dessa tendência em relação ao romance (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 76).

Essas construções das definições dinâmicas da forma e do gênero, pautadas nas avaliações e nas tendências literárias, são possíveis devido à dinamicidade posta pelo movimento proporcionado pela dialética. Assim, não podemos considerar os fenômenos artísticos, como a literatura, como naturais e isolados da atividade social. A literatura é um fenômeno social e reflete e refrata a realidade (inclusive outras ideologias que não artísticas), e a própria literatura cria novas formas e novos signos de comunicação ideológica. Os *stop motions*, portanto, são novas criações, novas formas de comunicação ideológica.

Medviédev ([1928] 2012) ressalta uma das particularidades da literatura que consiste em sua relação com outras ideologias, com sua posição singular no todo do meio ideológico. A literatura insere-se na realidade ideológica e também refrata, à sua maneira, a existência socioeconômica em formação. Dessa forma, simultaneamente, a literatura reflete e refrata o conteúdo de outras esferas ideológicas e o conteúdo da totalidade ideológica da qual faz parte.

O autor destaca que o homem, sua vida, seu destino e seu "mundo interior" são sempre refletidos na literatura num horizonte ideológico. "O meio

ideológico é a única ambivalência na qual a vida pode realizar-se como objeto da representação literária” (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p.60). A vida, como totalidade de realizações e acontecimentos, converte-se em enredo, fábula, motivo somente refratada pelo viés ideológico. A refração ideológica do mundo, seja qual for, é condição obrigatória para entrada no conteúdo literário. Medviédev ([1928] 2012, p. 195) afirma: “[...] uma obra entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva [...]”.

Já Volóchinov ([1926] 2019), ao discutir a poética sociológica, enfatiza que não se pode separar a forma do conteúdo como pregava o chamado “método formal”, no qual a palavra não é tomada como fenômeno social, mas sim pelos estudos linguísticos que partem da palavra como signo linguístico abstrato, ou seja, na imanência da língua como sistema. É preciso compreender a obra artística como uma forma específica da comunicação social e não como um produto isolado do social, um simples objeto físico. Volóchinov condena o estudo da obra pelo seu aspecto formal, ou pelo objetivismo abstrato, pela “[...] fetichização da obra de arte como coisa” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 114, grifo do autor), como também condena o estudo de uma obra pelo subjetivismo individual. Não se contempla ou toma como objeto de estudo a obra artística apenas pela forma, muito menos pela relação do criador ou do contemplador por meio do psiquismo: “Desse prisma, as vivências daquele que contempla e daquele que cria exaurem a arte.” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 114). A tarefa da poética sociológica, segundo o autor, é compreender que essa forma específica da comunicação social está concretizada na forma artística.

Reforçamos que o método sociológico, base para análise do *corpus* aqui apresentado, considera a obra de arte como eminentemente social: “[...] o meio social extra-artístico, ao influenciá-la de fora, encontra nela uma imediata resposta interior. Nesse caso, não é o alheio que age sobre o alheio, mas uma formação social sobre a outra.” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 113).

Ao considerarmos que a literatura possui relação com outras ideologias, tem, portanto, relação com o meio ideológico digital que faz parte da cultura na qual os alunos estão inseridos. Na esfera educacional, o texto estático, impresso, lido em sala de aula, ganha movimento por meio do *stop motion*. Sua presença interage com o outro, representado pelos alunos agentes que não apenas leem, mas contam a história em movimento, efetivando a

aprendizagem, e com os muitos outros que a assistem, via plataforma do *Youtube*.

3 Vozes em movimento: os *stop motions* dos alunos

A proposta de produção de *stop motion* está inserida dentro do projeto interdisciplinar de leitura desenvolvido na escola. A cada bimestre, um livro de leitura é lido pelos alunos com mediação dos professores. Todas as disciplinas adaptam seus planejamentos para que a leitura possa ser, de fato, vivenciada. Dessa forma, a leitura perpassa todas as disciplinas, fazendo com que o aluno faça associações que contribuem para o entendimento da obra. Cada livro é previamente escolhido pelos professores, em reunião de planejamento, os pais adquirem os livros, e na escola, contamos com assistente social e exemplares na biblioteca para aqueles que não podem adquirir seu livro.

O livro escolhido para o segundo bimestre de 2020 foi *Malala, a menina que queria ir para a escola* (CARRANCA, 2010). Após a leitura compartilhada entre alunos e professora, atividades interdisciplinares e debates, propusemos a recriação da obra em animação - *stop motion*.

Em grupo de até quatro componentes, os alunos reuniram-se virtualmente por meio de grupo de *WhatsApp* ou por videochamadas, uma vez que as aulas presenciais estavam suspensas, devido à pandemia da COVID-19. Repensamos estratégias em que o trabalho em grupo fosse viabilizado, para isso, lançamos mão de todos os recursos tecnológicos disponíveis. Os grupos receberam o seguinte roteiro de produção:

Quadro 1. Roteiro de produção

- 1 - Escolha de um capítulo do livro *Malala, a menina que queria ir para a escola*.
- 2 - Resumo do capítulo escolhido (partes principais).
- 3 - Esboço das cenas (STORYBOARD*), ou seja, transformar as principais partes do capítulo escolhido em imagens (como fizeram com a atividade de HQ). É o planejamento, sem ele, vocês não conseguirão fazer a sequência da história. Vou enviar um modelo para vocês utilizarem, pode ser feito no *Jamboard* também.
- 4 - Montagem do cenário com as fotos, movimentando as personagens e mudando as cenas.
- 5 - Seleção de fotos.
- 6 - Produção do *stop motion* no aplicativo ou site escolhido.
- 7 - Depois de pronto, assista a seu vídeo, observe se a história corresponde ao livro e se está coerente.
- 8 - Agora é só finalizar e postar!

Fonte: Elaborado pelas autoras

Apesar de serem considerados “nativos digitais” (TORI, 2010) os alunos do sexto ano necessitam de mediação do professor para produção de gêneros digitais, curadoria de informações e até mesmo buscas em sites, pois o conhecimento que possuem limita-se a vídeos do *Youtube* e *games*, por isso, o roteiro foi fundamental para subsidiar a produção discente.

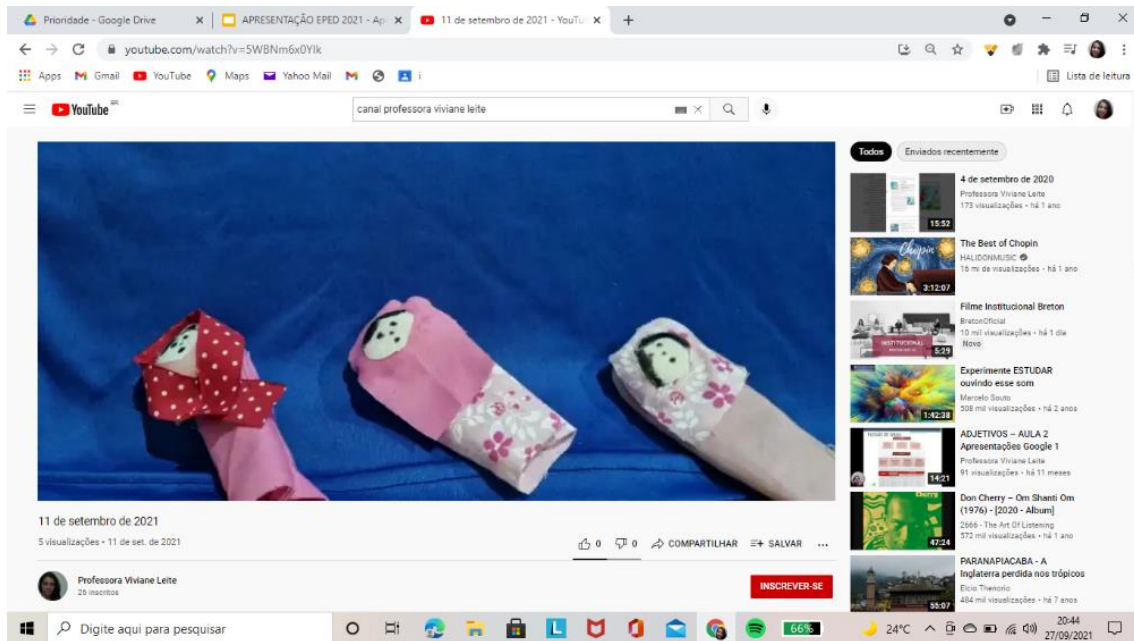
4 Por uma atividade didática em análise

Os alunos dos sextos anos, que totalizam quatro classes, foram divididos em grupos de até seis integrantes. No total, foram produzidos vinte *stop motions*. Para este artigo, selecionamos duas produções (grupo 1 e grupo 2).

Nossa análise tem como ponto de partida a poética sociológica postulada por Medviédev (2012 [1928]) e Volóchinov ([1929] 2017, [1926] 2019), que consideram a arte eminentemente social. As orientações metodológicas postuladas por Volóchinov elucidaram nossas análises na seguinte direção:

1) Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na "consciência ou em outros campos instáveis e imprecisos).2) Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico). 3) Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material (VOLÓCHINOV, [1929] 2017, p. 110, grifos do autor).

Ao analisarmos os *stop motions*, observamos, primeiramente, o que Medviédev considera a dupla orientação do gênero. A primeira orientação do gênero, que se volta para os *stop motions*, é apresentada num espaço real, em formato de vídeo disponível na plataforma *Youtube*, e é feita para ser ouvida e vista por um auditório que, num primeiro momento, são os colegas da turma e a professora e, posteriormente, demais pessoas que vierem a acessar a plataforma.

Figura 1. *Stop motion* em circulação - grupo 1

Fonte: B.B.A; P.V.A; V.M.S; R.A.F, 2021⁴⁵

Os *stop motions* apresentados estão ligados a uma esfera ideológica, uma vez que todo gênero circula em uma esfera da atividade humana. Assim, numa primeira orientação, circula na esfera escolar, e, depois, na esfera digital – o *Youtube*. Em ambas as esferas, os *stop motions* pressupõem, além do auditório, reações desse que pode se manifestar sob a forma de comentários orais, feitos pelos alunos, a respeito dos vídeos dos colegas ou sob a forma de “likes/dislikes” e comentários deixados no *Youtube*. Essas reações representam o diálogo com a obra. Diálogo não entendido somente como forma estrita (face a face), mas considerando o extraverbal; diálogo com o que a obra representa, diálogo com outros enunciados, seja respondendo, reafirmando ou refutando-os.

O gênero *stop motion*, ao entrar na vida dos alunos da FEG, entra em contato com diferentes aspectos da realidade, ou seja, da vida, uma vez que a temática narrada difere da realidade dos alunos (e principalmente das meninas), pois têm acesso à educação, e desperta reflexões a seu respeito, como o direito à educação e a importância e a valorização da escola. Sendo assim, o gênero *stop motion* está tematicamente orientado para a vida dos estudantes, ao trazer os problemas e acontecimentos vivenciados por Malala e

⁴⁵ Foram utilizadas as iniciais dos nomes dos estudantes, conforme orienta o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, garantindo a privacidade.

as meninas afegãs, durante a tomada do poder pelo Talibã em 2007. Os estudantes que têm acesso à escola passam a ver a realidade de outros estudantes cujo acesso lhes é negado. Esse processo de se imaginar no lugar do outro desperta um sentimento de valorização da escola e um olhar crítico à importância de se ter o direito à educação assegurado.

Figura 2. *Stop motion* na orientação para vida - grupo 2



Fonte: S.M.L; M.R; L.K; L.O, 2021.

A obra de Carranca (2010) entra na vida dos alunos por meio do livro físico e é ouvida e lida num determinado tempo e lugar físico, mas, a partir da atividade em grupo, a obra entra na vida também por meio de um gênero multimodal: o *stop motion*. Como cada gênero está orientado para vida e a vida dos estudantes está circundada de gêneros pertencentes às esferas midiáticas/digitais, a produção do *stop motion* só reforçou esse processo.

O texto-fonte revela que Malala usava o Dupatta (véu usado para cobrir os cabelos mesmo quando as mulheres estão em casa) ou o Shawl (véu longo que as mulheres do Vale do Swat usam para o rosto e o corpo ao sair de casa), mas não gostava de esconder o rosto como as outras meninas e também não gostava de usar a burca, porque “é muito difícil andar com aquilo” (CARRANCA, 2010, p. 37). Malala usava os véus para cobrir o cabelo. Cor-de-rosa era o seu preferido. Para ela, os véus não eram apenas uma questão cultural ou imposição religiosa, eles eram utilizados para a menina esconder os livros ao ir para a escola.

Em relação às armas, o texto-fonte retrata os talibãs como homens barbudos, também com a cabeça coberta, que circulavam na traseira de picapes, aterrorizando crianças e adultos com fuzis *Kalashnikov* em punho.

Nos dois *stop motions*, notamos que a concepção de mundo e a crença às quais Malala pertence estão representadas pelas roupas das personagens (incluindo o véu cor de rosa), e a situação de dominação, pelos Talibãs, pelas armas. Essas marcas aparecem fortemente nos dois vídeos, cujos criadores elegeram o momento do atentado à Malala (o clímax da narrativa) como recorte da obra a partir do qual se produziu o gênero.

Figura 3. Cena - grupo 1



Fonte: S.M.L; M.R; L.K; L.O, 2021

Figura 4. Cena - grupo 2



Fonte: B.B.A; P.V.A; V.M.S; R.A.F, 2021

Essas duas manifestações ideológicas concretizadas em vestes – sinal de resistência, uma vez que Malala resiste à proibição de estudar e usa o véu para esconder os livros – e em armas – sinal intimidador de um regime político-religioso – são signos que não podem ficar ausentes da análise sociológica, pois não se trata de meros objetos físicos que nada comunicam, eles são signos ideológicos. Armas e vestes, que culminam no clímax do texto-fonte de Carranca (2010), não aleatoriamente, mas representando uma posição valorativa dos alunos, são recriados como cena principal dos *stop motions*.

O que está posto nos *stop motions* como valoração por parte dos alunos não é reforçar a violência, mas seu posicionamento contra o absurdo de se promover um atentado a uma jovem só pelo fato de ela defender o direito à educação de meninas em seu país. É exatamente pela educação, que está sendo negada, que se constrói um mundo com menos violência e mais equidade.

Considerações finais

A longa tradição formalista diferenciava a linguagem cotidiana da poética (artística). Do ponto de vista sociológico, conforme postula Medviédev ([1928] 2012), a obra artística deve ser pensada no materialismo concreto, considerando as práticas sociais, ou seja, o extraverbal.

Nessa perspectiva sociológica, a produção do *stop motion* dos estudantes reúne arte, tecnologia e as várias ideologias materializadas em vestimentas, armas e cores em movimento. Nas escolhas discentes, podemos conferir a valoração e o posicionamento que retoma a obra lida, conferindo-lhe o colorido social. Nesse sentido, o texto impresso é atualizado por meio da tecnologia, constituindo um gênero digital. É a vida impregnada na arte. A leitura, fase inicial da produção, foi compartilhada e ganhou significado ao ser debatida por todos. O texto verbal foi redimensionado no suporte digital, configurando-se como um novo gênero: *stop motion*.

Atrair o impresso ao digital mostra-se um terreno fértil para a criação, criticidade e leitura de mundo. Rompemos com a dicotomia impresso/digital; não se trata de opor e, sim, de unir as ferramentas analógicas e tecnológicas em prol da formação humana. Dessa forma, impresso e digital formam um todo discursivo em que as relações humanas estão presentes e, portanto, contribuem para a criticidade e letramento dos alunos.

O gênero possui camadas orientadas para o próprio gênero e para a vida, a produção dos alunos aponta para as duas direções, e dessa forma, o texto impregna-se de vida. Na fase final, ao compartilhar os *stop motions* em plataformas digitais, além de valorizar a cultura na qual estão inseridos os alunos, conforme a concepção dos multiletramentos, reforçou-se a autoria dos mesmos. A produção não ficou restrita aos professores, mas atravessou os muros da escola de maneira virtual, rompendo paradigmas e o ensino conservador da leitura.

Ressaltamos que todo o trabalho foi realizado num momento em que a sala de aula presencial deu lugar às telas, mostrando-se ainda mais desafiador, e procuramos mostrar uma dentre tantas possibilidades de ensino-aprendizagem que nos foi imposta pelo ensino emergencial remoto, assinalando a leitura como resistência, seja no chão da sala de aula ou por meio das telas.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. Ilustração: Bruna Assis Brasil. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2010.
- HOFFMANN, Daniela Stevanin; FAGUNDES, Léa da Cruz. Cultura digital na escola ou escola na cultura digital? **Novas tecnologias na educação**, v. 6 (2), 2008. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/14599>. Acesso em: 25 maio 2022.
- KIRCHOF, Edgar Roberto. Como ler os textos literários na era da cultura digital? **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 47, p. 203-228, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/YtMfqvqScqGdwBBHQc7rDPR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2021.
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**. Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, [1928] 2012.
- OLIVEIRA, Flávio Gomes de. **Panorama e proposições da animação em stop motion**. 2010. 217 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Sistemas Visuais, Educação e Visualidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2834>. Acesso em: 22 dez. 2021.
- ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. IN: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.
- TORI, Romero. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Senac, 2010.
- VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e na poesia**. Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., Trad., Ensaio introdutório e notas Sheila Grillo; Ekaterina Américo. São Paulo: 34, [1926] 2019, p. 109-146.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.